

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1923 | Número: 33

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. *Revista de Guimarães*, 33 (4) Out.-Dez. 1923, p. 218-223.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO
DE
S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Conclusão do n.º anterior, pág. 151)

397

Inda ontem me disseram
eu que tinha uma comadre;
eu inda sou solteirinha,
como pode ser verdade?

399

Dá-me o teu lenço, António,
ou me dá o teu chapéu:
já não posso suportar
tanto sol que vem do céu.

401

A galinha está doente,
o galo faz-lhe o jantar,
o cão acarreta a lenha,
o gato surrasca o lar.

403

Eu quero-te tanto bem
como à cinza da barrela:
arrumá-la p'ra um canto,
não fazer mais caso dela...

405

Passei pela tua porta,
espreitei p'la fechadura;
tu não me *abristes* a porta,
coração de pedra dura!

398

Sim senhora, não senhora,
foi a minha criação;
foi a primeira doutrina
que a minha Mãe me ensinou.

400

Uma meia meia feita
outra meia por fazer:
diga lá, minha menina,
quantas meias vêm a ser.

402

Eu quero-te tanto bem,
eu quero-te tanto, tanto...
Isto é feitiçaria,
ou milagre de algum santo!

404

O' Balasar, Balasar!
quem te atirara dois tiros
c'uma espingarda de cana
carregada de suspiros!

406

Quero bem ao meu amor,
não tenho onde o meta...
Dentro do meu coração,
na derradeira gaveta...

407

Maricas, por Deus te peço,
por Deus te mando pedir :
uos braços em que me arrolas
não deixes outro dormir...

409

Tenho dentro do meu peito
botica p'ra boticar :
para te dar o remédio,
p'ra te acabar de matar...

411

Trazeis cabelo atado
pelas costas, ao comprido...
Nas ondas do teu cabelo
anda o meu amor 'scondido!

413

Cidade nova de Coimbra,
onde se formam doutores !
Foram lá que se formaram
os meus primeiros amores.

415

Os carvalhos dão bogalhos,
também dão coisinhas boas ;
também eu dou miúdas falas
consante são as pessoas...

417

Pus-me a chorar saúdades
ao pé duma sepultura ;
uma voz me respondeu :
Males de amor não têm cura.

419

São dez horas, vai p'ra as onze,
'stá a chegar o meio dia :
estão-se a aproximar as horas
de falar p'ra quem eu qu'ria.

421

Quando o sol deixar de dar
naquele mais alto freixo
é que tu hás-de saber
a razão porque te eu deixo.

408

Eu já fui à tua casa,
vi os cantos que ela tem :
já dormi na tua cama,
caibo nela muito bem...

410

Lindos olhos tem as trutas ;
quem me dera assim os meus !
lei-de lavar os meus olhos
onde a truta lava os seus...

412

Fui-me confessar e disse
que não tinha amor nenhum ;
por penitência me deram
que tomasse sequer um...

414

Tenho um amor que me ama,
outro que me dá dinheiro,
outro que me veste e calça :
êsse é o mais verdadeiro...

416

Tenho dentro do meu peito
uma laranja partida
para dar ao meu amor
que anda co'á beija caída...

418

De noite tanto chorei...
A lágrima chegou ao mar,
que me deram por notícia
meu amor ir-me deixar.

420

O primeiro é jejuar,
(bem jejuia quem não come) ;
um beijo duma menina
mantem três dias um *home*.

422

Os sete estrêlos caíram,
deram na guarda do tanque.
Agora é que me tu deixas,
que t'eu tinha amor bastante... (1)

(1) Cf. 176.

- 423
Hei-de te amar, que me pedem,
(não quero ser descortês);
quero fazer a vontade
a quem ma a mim nunca fêz.
- 424
Minha Mãe, p'ra me casar,
prometeu-me quanto tinha;
depois de me ver casada
deu-me um fole sem farinha...
- 425
Tôda a vida trabalhei,
tôda a vida passei fome;
hei-de me pôr a brincar:
quem brinca também não come...
- 426
Tôda a mulher que se casa
grande castigo merece,
que se vai deitar na cama
c'um homem que não conhece.
- 427
O meu amor quer que eu tenha
juízo, capacidade;
tenha-o êle, que é mais velho,
que eu sou de menor idade.
- 428
Meu filho, sonhei um sonho,
vamos ver se é teu agrado;
a ver se estás resolvido
a tomar novo estado.
- 429
Minha mãe, deixe-se disso,
que são sonhos variados:
olhe o lucro que lhe tiram
os homens que estão casados. (1)
- 430
Hoje é o primeiro dia
que eu neste lugar cantei.
Só queria adivinhar
se eu *inorada* serei.
- 431
Ouro ao redor da cinta,
ouro ao redor da trança;
quem do ouro faz rodilha
do amor *fá-la* mudança.
- 432
Eu quando vou p'ra comer
os pratos fazem *dlim, dlim*.
Deus dê um pedaço do Céu
a quem te fêz para mim.
- 433
Já fui capitão de cabras,
agora vou p'ra maior,
agora vou p'ra Valença
tomar ordens de maior.
- 434
Dei um nó na fita verde,
outro no preto *ridor*;
inda 'spero de dar outro
na mão d'reita ao meu amor.
- 435
Você diz: casar! casar!
Não se lembra do futuro.
Não se lembra do diabo
que os pobres ambos *aturo*.
- 436
Inda não é meia noite,
nem tam pouco onze horas:
inda te não disse adeus,
ó meu amor, porque choras?
- 437
Quem me pôs o nome Rosa
decerto já tinha visto
Rosa no Céu e na terra,
Rosa no altar de Cristo.
- 438
Canta, canta, cantadeira,
que êste povo quer ouvir!
Se estás doente do peito,
ninguém te cá mandou vir...

(1) As cantigas 428, 429, 109 e 1 constituem um diálogo entre mãe e filho.

439

Anda cá, meu goivo branco,
criado na goivaria!
Tens amor? Trata-o por tu:
amor não tem senhoria.

441

O' Senhora da Abadia,
vinde abaixo dar-me a mão!
Eu sou rapariga nova,
cancei no *arrebentão*.

443

Ondas do mar, abrandai,
que eu qu'ria pilhar um peixe!
Eu qu'ria deixar o mundo,
antes que me êle a mim deixe.

445

Ao passar do portelinho,
a meu primo dei a mão;
se êle não fôra meu primo,
ou lha daria ou não...

447

Se fores ao cemitério,
no dia do meu entêrro,
pede à terra que não coma
as tranças do meu cabelo.

449

Adeus, que me vou embora,
Aguas-Santas, Rio-Tinto!
Saudades que por ti levo
Deus as sabe, e eu as sinto.

451

Algum dia, p'ra te ver,
abri as portas da rua;
agora dava dinheiro
p'ra não ver a sombra tua.

453

Pediste-me uma laranja?
Eu não tenho laranjeira;
se queres um limão doce,
salta cá dentro à eira.

455

O' mar largo, ó mar largo,
ó mar largo sem ter fundo!
Mais vale andar no mar largo
do que nas bôcas do mundo.

440

O' *lindeiro*, andá à guerra,
que eu bem ouço dar os tiros!
Eu bem ouço combater
os meus ais com teus suspiros...

442

No meio daquele mar
teuho uma pedra comprida;
tem um letreiro que diz:
Quem lá for, arrisca a vida.

444

Eu, amar bem te amava,
se fôras da *ugalha* minha:
tu és da fôlha mais alta,
eu sou da mais pequeninha.

446

A silva que me a mim prende
à tua janela nasce;
nunca me a silva prendeu
que eu dela não retirasse...

448

Já há muito não vi Ana,
nem ao jantar, nem à ceia;
que é da minha rica Ana,
que é da minha cara cheia?

450

Algum dia, p'ra te ver,
abri as sete janelas;
agora, p'ra te não ver,
não abro nenhuma delas.

452

Algum dia, p'ra te ver,
sete janelas abria;
agora, p'ra te não ver,
outras sete fecharia.

454

O' mundo, que foste mundo!
agora já o não és;
agora já te viraste
com a cabeça p'ra os pés.

456

As ondas do mar são brancas,
no meio são amarelas;
coitadinho de quem nasce
p'ra se ver no meio delas!

457

Minha maçã vermelhinha,
que me deu um caiador!
Tenho-a na minha caixa,
inda não perdeu a côr. (1)

459

Quem me pôs o nome Rosa
devia de adivinhar:
Rosa no Céu e na terra,
Rosa em todo o lugar. (2)

461

Oh! se vós adivinháreis
como se chama o meu *home*...
Chama-se o calça caída,
Marelo, cara de fome...

463

Diz que tenho pouca roupa?
Se tens mais, é teu proveito!
Menos tenho que tirar
à noite quando me deito...

465

Quem me quer comprar que eu vendo
chá de laranjeira azêda?
Os homens a trinta réis,
e as mulheres a moeda...

467

Hei-de casar êste ano:
êste ano casa tudo...
Não quero ficar p'ra o ano,
p'ra o ano fica o refugio...

469

Suspirando, dando ais,
vai meu amor pela rua:
suspiros, quantos quizeres,
eu sou de outro, não sou tua.

471

Aquele navio novo
julga que me há-de levar;
Eu julgo que não hei-de ir
passar as ondas do mar.

458

O anel que tu me deste
era de vidro e quebrou;
a amizade que te eu tinha
era pouca e acabou. (2)

460

Vou embora de meu amo;
não lhe devo nem um dia;
antes me êle deve a mim
as noites que eu não dormia.

462

Eu amanhã vou à missa,
no adro faço parada.
Tôda a gente me aborrece,
só o meu amor me agrada.

464

Semei trevo no mar,
só me nasceu uma geira.
Quando nasceram os homens,
nasceu fraca sementeira...

466

Hei-de casar êste ano
ou para o outro que vem:
são os homens mais baratos,
custa um cento um vintém...

468

O' freguesia de Arnoso,
deixar-te muito me pesa!
Inda espero de tornar
ao centro da natureza.

470

Já morri, já me enterrei
debaixo de dois torrões;
tornei a ressuscitar
com as tuas orações.

472

Se eu soubesse o Padre-Nosso
como sei cantar cantigas,
andava sempre a rezar
à porta das raparigas.

(1) Cf. 11, 361.

(2) Cf. 331 — 335.

(3) Cf. 437.

473

Semeei no meu quintal
o brio das raparigas :
nasceu-me uma rosa branca
cercada de margaridas.

475

Caçador, que vai p'ra a caça,
não vai p'ra caçar a lebre;
vai p'ra caçar a menina
lá no *cobêrto* alegre.

477

Não há navio sem rêmo,
nem rio sem corta-mar,
nem donzela sem amor :
só se o não quer tomar...

474

Quando eu aqui cheguei,
logo por ti perguntei;
não me deram novas tuas :
com vergonha não chorei...

476

Se ouvires assobiar
num assobio baixinho...
Se êle for o meu amor,
demora-te um bocadinho.

478

Eu não canto por cantar,
nem por bem cantar o digo :
eu canto para espalhar
paixões que trago comigo...

L

ADITAMENTO

Nas palavras que antecedem esta colecção de cantigas, disse que algumas delas podiam ser ouvidas, com maior ou menor variante, nas diversas províncias de Portugal, e até na Galiza.

Ao percorrer as páginas do «Cancionero popular gallego», de Ballesteros ⁽¹⁾, surpreende-nos a semelhança, a quasi identidade entre a poesia popular galega e a portuguesa. E mais flagrante é a semelhança, atendendo à pronúncia do minhoto. Vê-se que é bem insignificante a diferença da lingua, dos costumes e dos sentimentos dos dois povos que o Rio Minho separa. Para o demonstrar, vou transcrever algumas quadras daquele Cancioneiro, pondô-lhes

(1) *D. José Pérez Ballesteros* — Cancionero popular gallego y en particular de la Coruña, 3 vol. (Tomos VII, IX e XI da «Biblioteca de las tradiciones populares españolas», director Antonio Machado y Alvarez, Madrid 1885 — 1886).